

ENTRE-MULHERES

Gerir espaços – iniciar processos – gerar a vida

Marijke de Koning

Graal

Introdução a uma nova *viagem nómada*

Nestas páginas retomo a metáfora da *viagem*, nómada e circular. Como referi no meu artigo do ano passado, o conceito de nómada, que me tem “orientado” nas minhas “viagens”, exprime a ideia de que temos de visitar muitas vezes o que já jugávamos conhecer.

Estou em *trânsito* desde 2006, ano em que foi publicado o livro *Lugares Emergentes do Sujeito Mulher - Viagem com Paulo Freire e Maria de Lourdes Pintasilgo*, da minha autoria, dado que desde 2006 não voltei a escrever sobre a minha experiência no Graal, movimento internacional de mulheres cristãs. Naquela altura viajei através de aprendizagens minhas e de outras mulheres. Foi um trabalho elaborado numa perspetiva feminista, entre 1999 e 2001 no âmbito de um mestrado em Ciências da Educação, onde não era suposto abordar questões religiosas ou teológicas, menos ainda falar da Igreja. Descrevi o Graal como um contexto de conscientização de mulheres e iniciei um dos capítulos com uma citação de Ramos Rosa do poema “Um caminho de Palavras”. O poema indica como espero “inventar os meus passos” neste espaço de escrita:

Sem dizer o fogo – vou para ele.

[...]

Tudo o que sei, já lá está, mas não estão os meus passos, nem os meus braços. Por isso caminho, caminho, porque há um intervalo entre tudo e eu, e nesse intervalo caminho e descubro o meu caminho.

Mas entre mim e os meus passos há um intervalo também: então invento os meus passos e o meu próprio caminho.

[...]

António Ramos Rosa, “Um caminho de palavras”, in *Sobre o Rosto da Terra* (1961)

A Associação Portuguesa de Teologias Feministas tem sido um contexto que me desafia a viajar através de textos que abordam explicitamente “questões do sentido” que se prendem com a fé em Deus, com a espiritualidade e com a religião. Tem-me permitido, enquanto “crente”, uma *Entfernung* (conceito de Heidegger), que significa “trazer para mais perto o que está longe” e o que pode significar em termos da fé

(cristã), aproximar-me de Deus ou deixar que Ele se aproxime (Braekers, 2007: 180-181).

“Por onde passa o Espírito na nossa história? O que quer de nós? Em que direção nos conduz? Não encontraremos a resposta se não nos expusermos ao caminho que a pergunta faz diante de nós”, afirmou o padre José Frazão Correia no dia 8 de novembro 2014, em Lisboa, na conferência “O valor do que não tem valor no caminho espiritual”, organizada pelas monjas dominicanas do mosteiro do Lumiar (Martins: 2014). Vou assim entrar num trilho que passa pela minha experiência de procura do sentido da fé em Deus e a minha pertença à Igreja Católica no contexto do Graal. A escrita deste texto é um exercício em que tento constituir-me (*write myself into being*) enquanto sujeito-mulher-crente-em-Deus, um processo em que é importante aproximar a *Ecclesia* da *Ekklesia*, e vice-versa, num espaço *Entre-Mulheres*, o Graal. *Ecclesia*, palavra latina, Igreja (originalmente “curral” onde estão as ovelhas a serem cuidadas pelo pastor), e *Ekklesia*, palavra grega (assembleia democrática ateniense, da qual as mulheres eram excluídas).

Parto de duas citações que me colocam no caminho neste texto:

[...] o tempo é superior ao espaço. [...] dar prioridade ao tempo é ocupar-se *mais com iniciar processos do que possuir espaços*. [...] Trata-se de privilegiar as ações que geram novos dinamismos na sociedade [...].

Papa Francisco, in *Evangelii Gaudium*, p. 158 (2013)

Entre o passado e o futuro está o hoje onde se desvenda o sentido e onde se cria o sentido; movimento duplo.

Maria de Lourdes Pintasilgo, in Conferência “Graal 25 Anos em Portugal” (1982)

Retomo algumas “convulsões” do nosso mundo atual que condicionam a gestão dos espaços e o iniciar de processos nas *Ekklesias*, os espaços democráticos que deviam dar rumo ao mundo. Será que estas convulsões são ou podem ser “iluminadas” com a nossa pertença à *Ecclesia*? Parto do “chão” com três questões: 1. Como gerir espaços evitando o *poder-sobre*? 2. Como iniciar processos que *geram vida*? 3. Como reconstruir, em cada “hoje”, o sentido da nossa pertença à *Ecclesia* enquanto mulheres? De que “chão” parto? Talvez daquele que Tomás Halík define como uma nova teologia da libertação:

“[...] deveria ser uma teologia de libertação *interior* – libertação de certezas relativas à religião, quer estas sejam as certezas de um ateísmo que não se põe a si mesmo em questão, ou as certezas de uma religiosidade que ficou igualmente petrificada à superfície. [...] Assim como a Igreja deve ser pobre [...] também deve deixar muitas das suas certezas [...]. Deve libertar-se não só de sinais exteriores do triunfalismo barroco [...] mas, acima de tudo do triunfalismo monopolista de ser o único repositório da verdade” (Halík, 2013: 51-52).

Talvez também do chão arado por Meister Eckhart e retrabalhado por Marcel Braekers, teólogo belga, padre Dominicano, filósofo e psicoterapeuta:

Ler Eckhart é um processo em ganhamos a coragem de deixar cair, passo por passo, o que foi transmitido durante séculos como a verdade inquestionável, mas que está ultrapassado enquanto pensamento ou linguagem (Braekers, 2014: 143).

1. Gerir Espaços: algumas convulsões

Teresa Santa Clara foi a pessoa que sempre sublinhou no Graal a importância de “criar contextos”. Contextos de aprendizagem, de reflexão e ação, de intervenção na sociedade, de busca espiritual e celebração, com o objetivo *iniciar processos* capazes de mudar a vida. Na entrevista com Cecília Barreira fala do Graal:

(...) eu acho que o Graal foi, no nosso país, criador de contextos onde muitas jovens vieram a assumir a sua condição/situação de mulheres-geradores-de-mudança. Ora isso criava entre todas nós, principalmente as que se davam ao Graal de alma e coração, laços afetivos fortes que justificam, pelo menos em parte, a enorme generosidade com que as pessoas viviam” (Barreira, 1993: 207).

Mas chamou a atenção para a fragilidade desta “empresa”:

O Graal é tudo menos uma redoma. Muito pelo contrário, vejo o Graal como um microcosmos onde se vivem, e por vezes se ampliam, as convulsões que atravessam a sociedade” (ibid.: 1993: 208).

Quais as principais “convulsões” da sociedade de hoje que se podem infiltrar e ampliar neste “microcosmos” do Graal? Retomo resumidamente algumas dinâmicas dominantes já trabalhadas por mim noutros textos, nomeadamente: 1. A expansão do *ego*; 2. A substituição do papel social dos sistemas religiosos; 3. O Poder-sobre; 4. A Liderança-não-partilhada; 5. A incapacidade de agir num “regime” de “afeto inclusivo”.

Primeira convulsão: e expansão do *ego*

Retomo a formulação do filósofo holandês Harry Kunneman que fala do avanço do *fat ego*, figura contemporânea consumista, competitiva, virada para si, uma edição perversa do indivíduo autónomo e livre. A expansão desenfreada do *ego*, de “formas gordas de autonomia” (Kunneman, 2005:18), pode fazer esquecer valores morais como solidariedade, respeito e tolerância.

Segunda convulsão: A substituição do papel social dos sistemas religiosos

Retomo também a formulação *sistema infotainment* do filósofo e psicanalista israelita Carlo Strenger, em que “ser tocado por Deus foi substituído pela qualidade mágica de

ser conhecido e admirado pelas massas” (Strenger, 2011: 67). Também o teólogo checo Tomás Halík refere a substituição do papel social dos sistemas religiosos pelo “árbitros da verdade” que são os meios da comunicação quando afirma: “[...] *os meios de comunicação são a religião do mundo ocidental de hoje*” e “[...]o Cristianismo moderno perdeu o carácter de «religião» em sentido sociológico” (Halík, 2013: 208). E problematiza: “Os ávidos espectadores de televisão aprendem, gradualmente, a deixar que os «olhos da câmara» substituam os seus «próprios olhos» [...]” (ibid.: 209).

Terceira convulsão: O Poder-sobre

O psicólogo Rollo May afirma no seu livro *Power and Innocence. A Search for the Sources of Violence* que “o poder é essencial para todas as coisas vivas” (May, 1972: 22). Define o poder como “a capacidade de provocar ou impedir mudança” (ibid.: 99). Distingue “poder-sobre” de “poder-com” e “poder-para”. Alerta para a tendência de considerar a falta de poder como uma virtude, uma inocência, mas que é apenas uma pseudoinocência que “consiste numa infância que não cresceu, numa fixação no passado” (ibid.: 49). Diz-me a minha experiência que entre mulheres é por vezes difícil assumir o poder como uma força positiva. A falta de poder considerado virtude, aparentemente inocente, subterrâneo, é uma das ambiguidades mais nocivas.

Quarta convulsão: A Liderança-não-partilhada

A *liderança partilhada* gera mais vida, dá espaço ao novo, tanto em espaços do trabalho e cidadania, como em espaços mais privados. Nos últimos anos estive envolvida num projeto da Fundação *Cuidar O Futuro* e atualmente num projeto do Graal em que trabalhamos num regime de *Lideranças partilhadas* (o plural é inerente à dinâmica que se pretende desenvolver).

Num regime de lideranças partilhadas há mais informação a circular. O que a diferencia de outras formas de liderança é a partilha de competências e responsabilidades. Não é necessário acabar com a hierarquia. A igualdade não tem de acabar com processos diferenciados. (Múrias e Koning, 2012: 42).

É um processo mais trabalhoso. É mais fácil gerir os espaços existentes e reproduzir o padrão já conhecido, do que iniciar novos processos que permitam o aumento da qualidade do trabalho.

Quinta convulsão: a incapacidade de agir num “regime” de *afeto inclusivo*.

Como despertar e estimular nos nossos contextos educativos a aprendizagem do *Afeto Inclusivo* (Koning, 2013: 150-152), esta expansão de afeições, esta “vacina” contra o *fat ego*? Trata-se de uma “competência estruturante” necessária na ordenação de uma *polis* justa, eticamente sustentada, não apenas por leis, mas por uma *Weisung* (Buber), uma “indicação” benéfica para irmos ao encontro do “outro”, do diferente, do desconhecido.

2. Iniciar Processos e Gerar a Vida

O que me surpreende é o novo. O que me atrai é o futuro. O que me seduz é a promessa. [...] Era também essa sedução do novo que me levava a descobrir no Graal a possibilidade de viver novos modos da cultura e do culto. E encontrar aí a capacidade de inovação, as tarefas pioneiras, os gestos e as ideias de uma nova cultura (Pintasilgo, 2005:17).

Como estar com disponibilidade para o novo, o futuro, a promessa e dar passos para fazer frente às convulsões mencionadas acima? A escritora e filósofa holandesa Joke Hermsen escreve no seu livro *Kairos, uma nova inspiração*, como na cultura grega o futuro é considerado “não tanto como algo que está a nossa frente, mas como algo que nos empurra pelas nossas costas: ‘o futuro vem de trás’ ainda é hoje um ditado conhecido grego. O tempo é visto como um rio [...] no qual estamos de pé” (Hermsen, 2014: 19-20). Hermsen explora neste seu livro como no mundo de hoje é importante transcender a linearidade do *Chronos*, o tempo prático, reduzido a um tempo económico, que organiza as nossas agendas e não deixa espaço para o *Kairos*, o tempo da inspiração, o tempo do entre, do intervalo, “entre o passado e o futuro” como dizia Maria de Lourdes Pintasilgo na conferência ao Graal em 1982, o tempo do hoje “onde se desvenda o sentido e onde se cria o sentido; movimento duplo”. Onde o passado, o hoje e o futuro se conjugam “na plenitude de um momento visionário”, que para Heidegger é o “acontecimento”, onde se revela a autenticidade do *Dasein*, em que a existência do ser humano no mundo se conecta com a plenitude do tempo (ibid.:12).

O tempo *Kairos* abre para o *entre*, passando pela fronteira-lugar-de-graça, como o formula José Correia Frazão no seu livro, *Entre-tanto. A difícil bênção da vida e da fé*:

[...] a fronteira tornou-se, para nós, o lugar da graça – vivemos no confim, *entre* tempos, *entre* mundos, *entre* experiências, procurando mediar, criando pequenos pontos de contacto entre margens separadas, lugares de abertura e de compreensão, de estima recíproca, de entendimentos possíveis (Frazão, 2014: 90).

[...] a metáfora da *fronteira* – poderíamos substituí-la por *limiar* ou *passagem* – corresponde bem ao espírito de trânsito, ao mesmo tempo ligeiro e dramático, que caracteriza o nosso tempo. Trânsito [...] do sentido já dado para o sentido ainda a fazer (ibid.:95).

“Quantas vezes o tempo é a nossa desculpa para desinvestir da vida, para perpetuar o desencontro que mantemos com ela?” pergunta José Tolentino Mendonça no seu livro *A Mística do Instante. O tempo e a promessa*. Também ele questiona o “*continuum* homogéneo do tempo”, o tempo *chronos*, que “não conhece a rutura trazida pela novidade surpreendente” (Tolentino Mendonça, 2014: 35), que não permita o duplo movimento de desvendar o sentido e recriar o sentido.

E as mulheres, como lidam com as fronteiras do *entre*, com as ruturas? Como se situam nas *brechas*, nas passagens de abertura ao novo? Maria de Lourdes Pintasilgo continuou sempre a acreditar na força-geradora-de-vida das mulheres, como ainda disse na sua última entrevista:

Neste momento da minha história era poder ver e contribuir ainda para uma grande força coletiva das mulheres, pela permanente convicção (mesmo que me chamem teórica) de que em conjunto as mulheres podem trazer e ir buscar, desde ao mundo mítico, ficcional e até à própria história, os elementos que podem tornar a nossa qualidade de vida melhor, levando todas a gerar o mundo. Os homens estão a geri-lo, nós, mulheres, gostaria muito que o gerássemos (Grácio, 2007: 452).

Ainda vamos a tempo de recuperar as brechas não aproveitadas que os movimentos de mulheres tentaram abrir nas *Ekklesias* do nosso mundo? Tempo perdido no registo competitivo do *Chronos* economicista, preocupado com o poder-sobre-e-contra do *fat ego*, que não sabe aproveitar a inspiração do *Kairos*, do desejo de dar rumo ao futuro de outra forma e de incluir o outro no afeto? O que podem as assembleias, encontros e projetos de mulheres? E na *Ecclesia*, o que podem as mulheres? Como transferir as competências de autonomia desenvolvidas nas *ágoras* da *Ekklesia* para espaços da *Ecclesia*? E o que dá a *Ecclesia* às mulheres?

3. Entre Mulheres, reconstruindo o sentido da pertença à *Ecclesia*

Será que a pertença ao espaço *Ecclesia* (Igreja Católica) ainda pode proporcionar aos homens e às mulheres de hoje uma contracorrente às convulsões mencionadas que condicionam o nosso mundo? “Vivemos claramente um desencontro entre o que professamos e o que se vive”, havendo “muita gente a percecionar que o discurso da fé não tem incidência nenhuma na vida”, afirmou o padre José Frazão na conferência acima referida. O que esperar da pertença à *Ecclesia* então? Como transformar a *Ecclesia* em espaços onde as pessoas se dão “de alma e coração”, onde criam “laços afetivos” (e aprendem a “praticar” o *afeto inclusivo*), espaços onde é possível viver esta “enorme generosidade” de que falava Teresa Santa Clara Gomes? Como transferir as “competências” cultivadas nos espaços da *Ecclesia* para as *ágoras* da *Ekklesia*? Como fazer incidir a fé cristã na vida?

Nos intervalos do *kairos*

O Graal tem sido para muitas mulheres neste país e pelo mundo fora um espaço que permite entrar no intervalo do *Kairos*, num tempo onde se “desvenda e se cria o sentido”, de preferência sentido no plural, sentidos, e nunca definitivos. Um espaço de *Ekklesia*, de um povo que vem de longe, como lembrava Maria de Lourdes Pintasilgo,

aqui constituído por mulheres. Encontros locais, nacionais e internacionais, reuniões de trabalho e projetos de ação e animação sociocultural, audições públicas, assembleias gerais, nacionais e internacionais têm, ao longo dos anos, dado a possibilidade a muitas mulheres de emergirem como sujeito e de intervirem no espaço público. Tem conseguido ser um espaço de *Ecclesia*? Ao longo dos anos o Graal tem evoluído na redefinição da sua identidade, de movimento católico a um movimento de mulheres cristãs, aberto a mulheres com outras raízes espirituais, não cristãs, embora esta questão não tem sido pacífica, nomeadamente em alguns contextos africanos do Graal Internacional.

“Sem este corpo eclesial não posso ser crente” (Frazão, 2014:146), afirma José Correia Frazão no livro acima referido. Precisamos mesmo da Igreja para sermos crentes cristãs? Eu diria que sim, mas no sentido de pertença a uma comunidade.

[...] e ainda hoje vejo, o Graal – um dinamismo espiritual partilhado por mulheres de todo o mundo, reunidas para a transformação da Terra num espaço melhor para todos – como um modo de ser-igreja, pela pertença a uma “tribo” ou “morada” como diria Teresa de Avila, de entre as muitas outras tribos ou moradas que existem na Igreja (Magalhães, 2014: 128).

Entre ambiguidade e ambivalência

E como queremos nós, cristãos, que seja a Igreja? Ou melhor, como queremos nós ser Igreja (Pintasilgo, 1981: 55)?

O que caracteriza a pertença das mulheres à Igreja Institucional? A questão da ambivalência, o tema introduzido por Maaïke de Haardt neste coloquio é fundamental. Permite sair da ambiguidade de não sabermos se queremos fazer parte ou não da Igreja institucional. Já referi no livro *Lugares Emergentes do sujeito Mulher* (Koning, 2006: 83-84) a reflexão da Rosiska Darcy de Oliveira sobre como as mulheres desde que começaram a participar no espaço público se encontram numa situação de *double bind*, (conceito de Bateson) que é

“[...] a situação em que se encontra uma pessoa submetida, permanentemente, a ordens que se excluem ou se negam umas às outras, sem que ela tenha possibilidade de escapar do campo onde interagem essas ‘injunções contraditórias’. Quem está submetido *ao double bind* sempre sai perdendo. ‘Seja homem, mas continue mulher’ constitui um *double bind* suficientemente grave para que dele as mulheres tentem escapar pela ambiguidade. O ser ambíguo, na medida em que não se percebe como tal, faz ou tenta fazer coexistirem em si mesmo forças conflitivas, desejos que se anulam ou que se superpõem sem integração possível. Ele se desloca de um desejo a outro, de uma existência a outra, de uma personalidade a outra, num esforço desesperado de não perder nada, para ser tudo ao mesmo tempo. O ser ambíguo é aquele que não admite a perda, incapaz de luto por um desejo (Darcy de Oliveira: 1991:77).

Esta dupla coerção na Igreja Institucional (Católica) terá provavelmente formas diferentes de acordo com o que as mulheres desejariam que fosse a Igreja e as “posições” a assumir nela. Assim, para algumas, é importante serem pastoras, como acontece entre mulheres do Graal na Suécia ligadas à Igreja Luterana. Outras gostariam de ser crentes mas não conseguem acreditar nos dogmas ou participar em liturgias pouco inspiradoras. Algumas gostariam de participar na reconstrução das ruínas da Igreja-instituição existente, enquanto outras preferem gerar vida nova aproveitando as brechas que se forem abrindo. Cada mulher devia poder dizer e assumir qual é para si a sua zona de ambiguidade e transformá-la em ambivalência, como defende Rosiska Darcy de Oliveira: “Passar da ambiguidade à ambivalência significa, para as mulheres, ver mais claro, o que não significa ver mais simples ou mais alegre” (ibid.: 88).

Mobilizar a “competência terna” (*Tender competence*)

Na sua Conferência "Autoridade e Visibilidade de mulheres nas nossas comunidades religiosas" realizada em julho - de 2010 no Centro Dominicano de Huissen, Holanda, Maaïke de Haardt afirmou que a relação das mulheres com as tradições religiosas e com os conceitos tradicionais de autoridade é complexa e ambivalente, mas isso não é negativo, pelo contrário, é uma “virtude poderosa”, que “tem alimentado as visões religiosas mais criativas, inspiradoras e persistentes das mulheres, bem como conceitos e imagens e práticas religiosas transformadoras” (Haardt, 2010:1). Desenvolveram um conhecimento de que a vida, em toda a sua complexidade, não pode ser controlada, que é “vulnerável, volátil e sempre com a necessidade de atenção e de cuidado” e que precisamos de uma atitude aberta “para ler, ouvir e sentir os sinais não só da vida, mas também da presença de Deus nesta vida” (ibid.:5). “Competência Terna” é o termo que Maaïke de Haardt criou para esse tipo de conhecimento e autoridade, uma “contra-autoridade” (ibid.:6) contra a dinâmica de controlo, de inclusão e exclusão que são dominantes na nossa sociedade. E na Igreja Católica.

Não abandonar esta *competência terna* – poderia talvez transformar o *double bind*, referido Rosiska de Darcy de Oliveira, num *single bind*: *Sê mulher, e continua mulher* e aproveitar todas as competências positivas da assim chamada “cultura das mulheres” que se podem agrupar debaixo do chapéu “Cultura do Cuidado”. Cultura que se for praticada poderá fazer lidar melhor com as convulsões acima referidas, tanto nos espaços da *Ecclesia*, como nos espaços da *Ekklesia*.

O Graal em Portugal abre o seu *site* (<http://www.graal.org.pt/>) com uma referência à Cultura do Cuidado, retirado do livro *Cuidar o Futuro, um Programa Radical para Viver Melhor, Relatório da Comissão Independente População e Qualidade de Vida*. Lisboa, 1998: Trinova Editora:

[...] temos o conhecimento de muitos dos meios necessários (tecnologia, opções políticas, recursos financeiros), mas não temos nem o empenhamento nem a força de vontade para agir. [...] Precisamos de uma ética envolvente de cuidado pelos nossos companheiros de humanidade e pela nossa casa comum, a Terra.

Deambular e “filtrar”

É incrível a facilidade com que as pessoas falam sobre Deus em termos de um ser evidente que é conhecido por todos (Kuitert, 2014: 50).

De facto, Deus é feito de letras, e estas letras devem fazer o que o poeta quer: abrir uma porta fechada (ibid.: 51).

A fé madura é a permanência paciente na noite do mistério (Halík, 2013: 160).

*Caminho, caminho, porque há um intervalo entre tudo e eu e não sei onde vou chegar. Entretanto vou entrando num trilho. Entre tantos. Este trilho leva-me à obra *Para lá das Religiões* de Isabel Allegro de Magalhães (também membro do Graal), que escreve o seguinte no capítulo intitulado “Dizer o indizível: o saber feminino de um não-saber”:*

Creio que ninguém, mesmo em teologia, poderá pretender expressar o Indizível, nem falar substantivamente do Divino, a não ser para tautologicamente afirmar que dele nada é possível dizer a não ser o silêncio – silêncio que contemple aquilo que, apesar de todas as revelações, permanecerá Mistério absoluto para a Humanidade (Allegro de Magalhães, 2011: 52-53).

As de nós que “se sentem em casa” neste lugar de silêncio, e que ao mesmo tempo usam palavras para escrever e falar sobre questões que se prendem com Deus, como neste colóquio, arriscam-se a estar presas numa outra ordem de *double bind* que seria *fica calada, mas toma a palavra*. Esta ambiguidade de por um lado, acharmos que nada se pode afirmar sobre Deus, enquanto ao mesmo tempo, e por causa de Deus, escrevemos textos e falamos em colóquios de teologias, precisa de ser transformada, ela também, em ambivalência. Talvez a atitude (feminina?) de dar “um passo ao lado”, com Emily Dickinson, como vamos ver a seguir, seja a atitude a ter para querer falar de Deus ao mesmo tempo que querer permanecer no silêncio. Seria conciliar a convicção de que apenas o silêncio é possível perante o Mistério Absoluto, ao mesmo tempo que também se pode afirmar que quando nada se diz, nada há. E que isto seja pacífico e que possa servir para gerar vida nova em comunidades de crentes.

Retomo a ideia do filtro na leitura de textos, trabalhado por Isabel Allegro no sentido de filtros patriarcais, mas que aqui no sentido de “filtro crente” e “filtro não crente ou ateu”. O objetivo é abrir uma brecha para podermos partilhar uma “fé” que nos pode unir numa cidadania mundial, como referi o ano passado. Uma “fé inclusiva”, partilhada por crentes e ateus, em que não tivéssemos que excluir referências

estruturantes das nossas tradições religiosas e filosóficas. Referências que se encontrariam em textos do “entre”, para os quais é possível olhar com filtros diferentes sem nos sentirmos excluídos do sentido sempre em construção. Exemplo de um “texto-entre” é a poesia de Emily Dickinson, lida com um filtro ateu e um filtro cristão.

Um filtro ateu

Bert Keizer, médico neerlandês, com formação acadêmica também em filosofia, ateu convicto e admirador e estudioso da obra de Emily Dickinson, e igualmente tradutor de uma parte das suas cartas para neerlandês, coloca Emily Dickinson ao lado de Nietzsche, seu contemporâneo. Para Keizer são os dois espíritos mais sutis do século dezanove, que, embora cada um/a à sua maneira, “traçaram um trilho muito próprio para saírem da esfera cristã” (Keizer, 2013: 31). Nietzsche com um martelo na mão para sair do edifício através de um buraco na parede, enquanto que Dickinson se “virou graciosamente, abriu a porta para o corredor e depois de algumas voltas no edifício saiu pela porta traseira [...]” (Ibid.:32). Segundo Keizer não interessa apenas focar a diferença de método entre ambos, mas também sublinhar a diferença entre um homem e uma mulher. Dickinson tem, segundo Keizer, questões perturbantes sobre Deus e a morte, “em que ela faz vacilar as noções existentes com um leve empurrãozinho” (ibid.:34), mas apenas dá “um passo para o lado, de uma forma elegante” (ibid.:40) enquanto Nietzsche realiza “ataques frontais contra a cidadela cristã” (ibid.:33).

Um filtro cristão

Marcel Braekers, dominicano belga, filósofo, teólogo, psicoterapeuta, escreveu um livro fascinante sobre *Meister Eckhart, o místico do saber que não sabe*. Fez, segundo ele próprio, “uma leitura mais poética do que filosófica de Eckhart” (Braekers, 2007: 23). Dá realce à atitude de *Abgeschiedenheit* de Eckhart, traduzindo este conceito importante na obra do místico do século treze em termos de “desapego interior de tudo o que queremos, sabemos e somos” (ibid.:19). Traduz ainda *Abgeschiedenheit* em termos de “‘despedir-se’ e ‘situar-se de forma autónoma e não adaptar-se à tendência habitual’, uma atitude de ‘saber-que não-sabe’” (ibid.: 68), que é tão central em Eckhart. Braekers inicia um dos capítulos, “a mística e o diálogo inter-religioso”, com um poema de Emily Dickinson: “*Some keep the Sabbath going to Church/ I keep it, staying at home – [...]*” e comenta que neste poema Dickinson “exprime a sua profunda convicção de fé, mas também o seu ceticismo acerca da habitual vivência da fé e acerca dos dogmas” (ibid.: 203).

Com filtros diferentes Keizer e Braekers interpretam as palavras de Dickinson de forma oposta, enquanto ambos se sentem inspirados. Emily Dickinson tem ou não tem fé? É crente em Deus ou não é? Não sabemos, o que sabemos é que inspirou duas pessoas

muito diferentes. Um ateu, outro crente, cristão, homem da Igreja. A meu ver seria importante que pessoas com posições tão opostas pudessem abrir o mais possível um espaço de conversa (verdadeira) num registo de reciprocidade e de igualdade. Sem se combaterem, mas desejando incluir o outro num espaço comum de referências, um espaço-entre.

Buber, sublinhava a reciprocidade total da conversa verdadeira com o outro, porque, disse ele, “eu não tenho uma doutrina, tenho uma conversa” (Hartensveld, 2014: 78). Na conversa verdadeira é preciso constantemente “um passo para o lado”, para deixar espaço ao outro. Frans Hartensveld, filósofo neerlandês, estudioso da espiritualidade judaica, refere que Buber queria que “o outro que estava em frente dele, não se tivesse de esconder para ouvir grandes palavras”, nem numa situação em que “a ‘aura’ do outro fosse muito forte” (ibid.: 77-78). Podemos imaginar uma Igreja Católica em que a hierarquia (e não apenas o Papa Francisco) se convencesse que esta seria a postura adequada para criar a tão desejada proximidade com os fiéis? E que isto correspondesse a um desejo verdadeiro de incluir o outro diferente no afeto e que isso não fosse apenas uma “tática” para evitar um maior abandono da Igreja?

E as mulheres que ousaram ficar?

Como nos libertamos da Igreja que se considera “o único repositório da verdade” (Halík, 2013: 52)? Num mundo secularizado, habitado por sujeitos autónomos, não faz sentido continuarmos a aceitar a autoridade de uma Igreja-Instituição-de-poder-sobre nós. Kuitert propõe deixarmos cair o “conceito igreja”:

[...]o conceito igreja com a sua autoridade de Cima, uma criação de uma elite que se apropriou da liderança de pessoas chamadas comuns, e pessoas comuns não sabem como deve ser, por isso precisam de ser guiadas. [...] a manipulação de pessoas não tem nada a ver com o que Jesus pretendia: ninguém deve ser o mestre do seu próximo, ‘porque sois todos irmãos’ (Kuitert, 2014: 110).

Temos então de abandonar a Igreja? Não, responde Kuitert, porque “a crítica tem como objetivo devolver a liberdade às pessoas” (ibid.: 143). Segundo Kuitert as igrejas continuam a existir (“e ainda bem”) e deviam continuar a existir enquanto comunidades de fé, enquanto Igreja “que abre o caminho para uma outra maneira de lidar com a tradição cristã enquanto religião” (ibid.: 148). A meu ver esta abordagem cria “espaço” também para as “mulheres que ousaram ficar” (Henriques *et al.*, 2012) e que, conscientes de todas as ambiguidades transformadas em ambivalências, querem continuar a fazer parte da *Ecclesia*. Dar um passo para o lado, como Emily Dickinson, para fazer oscilar noções existentes, ou usar o martelo, como Nietzsche, para realizar ataques frontais contra a Igreja-Instituição, são duas formas de luta contra o abuso de poder. Segundo Halík o martelo de Nietzsche “não pretende ser um instrumento de destruição, mas antes um martelo de mineralogista que investiga o núcleo escondido de uma pedra [...]. Quando destrói, é apenas para [...] esculpir um bloco de pedra em

bruto – a fim de libertar do seu interior a escultura já antecipada, uma nova forma, uma nova qualidade” (Halík, 2014: 178-179).

Que lugar têm as mulheres na reconstrução da Igreja Católica?

Pergunta lançada no colóquio de 2014. Pergunto: que lugar e em que Igreja (Católica)? A das mulheres e dos homens que se reúnem em comunidades cristãs ou a das formas eclesiais do cristianismo em que reinam as hierarquias e em que a doutrina tradicional e oficial constitui o quadro de referência único e obrigatório? Numa das sessões do colóquio foi feita a proposta “lutarmos” para que as mulheres possam ocupar lugares na hierarquia e serem ordenadas sacerdotes. Assim seria possível melhorar o funcionamento da instituição, reformar a Igreja. Em termos democráticos, e na consequente lógica de igualdade entre mulheres e homens, não seria mais do que “justo” isto poder acontecer. Mas não seria uma luta inútil e um desperdício de energias? A “autoridade que as hierarquias exercem não vem de Cima, mas a hierarquia da igreja apropriou-se dela: com a sua *própria autoridade* exerce a autoridade de *Deus*” (Kuitert, 2014: 104). Queremos fazer parte desta estrutura de poder-sobre? Não será preferível e mais “produtivo” podermos “investir” as nossas energias em comunidades cristãs que não se consideram “repositórios da verdade”?

A Igreja está em ruínas. “*Francisco, vai e reconstrói a minha Igreja que está em ruínas*”. Não é melhor deixar estar a construção existente em ruínas? *Terão todas as reformas que passar por Francisco?* Não, mas a nível das hierarquias sim. É deixar o nosso irmão Francisco fazer a parte dele, no lugar dele, com os “colegas” dele, que é gerir o espaço existente, mas no modo proposto por ele: “iniciar processos” e “privilegiar as ações que geram novos dinamismos”. Esculpir o mármore com Nietzsche. Deitar abaixo o interior do edifício e talvez ainda salvar as fachadas? Ou então ao contrário, deitar abaixo as fachadas e gerar vida nova num interior sem muros? Eckhart lembra que “a demolição pode abrir uma passagem necessária para um novo começo, uma nova abertura à vida e ao divino” (Braekers, 2014: 45).

Maria Carlos Ramos refere que Maria de Lourdes Pintasilgo “acentua particularmente o *direito* e o *dever* da Igreja de *contestar-se* e de *contestar*, como o cumprimento de si mesma. [...] «Imaginar a Igreja» é já percorrer os caminhos da Promessa que salva. (Ramos, 2015: 182 - 183):

Todas as instituições da Igreja estão sujeitas ao processo histórico que é o próprio devir da Igreja e que explicita a sua realidade de Povo de Deus em marcha através dos tempos. Daí que todas devam ser sujeitas a uma revisão contínua [...] (Pintasilgo, 1981: 51).

Mais do que nunca é preciso imaginar, inventar, criar. Imaginar a Igreja hoje ... tarefa de cada um [e uma] de nós e antecipação da promessa final: «Eu farei novas todas as coisas» (Pintasilgo, 1981: 62).

E se fossemos muitas e muitos a imaginar, inventar e criar?

Entre Mulheres: O Graal como *Ecclesia*

Desvendar e criar o sentido da nossa tradição cristã implica dizer com palavras nossas e contar a outras pessoas o que recebemos desta tradição. No espaço *Ecclesia* transmitimos, ou melhor, passamos a mensagem cristã, mas de uma forma seletiva, recriando o sentido do recebido da geração anterior até fazer sentido para nós próprias/os. Processo sem fim, refeito em cada “hoje” entre passado e futuro.

A forma do Graal em Portugal ser *Ecclesia* pode-se caracterizar com excertos tirados de um artigo sobre a história do Graal em Portugal, a ser integrado numa publicação do Graal Internacional:

No nosso modo de ser Igreja e de nos situarmos no mundo, atentas aos sinais dos tempos, a Fé está intrinsecamente ligada à vida, sem dicotomia, totalmente integrada.

A Fé como uma dimensão fundamental da vida tem, em cada ano, a sua mais alta expressão na celebração da Páscoa. Participantes do Graal e amigos/as juntam-se para viver o Tríduo Pascal, como se juntam noutras épocas do ano litúrgico - Pentecostes, Advento, Quaresma. Celebrar a Vida como um dom gratuito que nos foi dado e comemorar a Fé enquanto parte de nós que nos move, é o lugar onde todas nos reconhecemos como pertencentes a essa "tribo do Povo de Deus", que é o Graal (Vasconcelos *et al.*:2015).

Também fomos tentando recriar o sentido em termos de conceitos teológicos num programa internacional intitulado *Mulheres Teologia e Mística*, organizado por Maria Carlos Ramos, membro do Graal e licenciada em teologia pela Universidade Católica de Lisboa. O programa tem decorrido no Centro do Graal da Golegã, já durante cinco anos (2010 – 2014). Os temas foram: Teologias Feministas; “Vi Aquele que me vê!” (G. 16,13) ... ou: a insurreição das mulheres; "As tuas filhas profetizarão ..." (Act 2,17) ou: o risco e resistência das Mulheres; As parteiras de Israel: ou a transgressão na solicitude; ‘Effathá’ abre-te! – ou percursos das mulheres na igreja.

Duas outras “moradas” do Graal enquanto *Ecclesia*, são o grupo *Adagio* e o espaço *(H)Alto*.

Adagio é o nome de um grupo de mulheres nas franjas da Igreja Católica que se reúne a cada duas semanas no Centro do Graal *Terraço* em Lisboa. “Participar no Adagio é busca de sentido, escuta, procura de outros caminhos... Humanidade partilhada. Demora no Desconhecido. Oração no seu sentido mais indizível”, podemos ler no *site* do Graal.

(H)Alto é o nome de um grupo de oração, grupo aberto, de membros e não membros do Graal (mulheres e homens), que se reúne semanalmente no mesmo espaço:

Naquele lugar está bem visível uma cruz de metal que recorda as origens e o que ali estão a fazer. (Júlio, Sílvia in *Família Cristã*, 7 de março 2014).

Recentemente um jovem amigo, que participa no (H)Alto disse: “para mim este espaço é igreja”.



(H)alto

...do alto da cidade,
...uma (H)ora,
...um convite a parar.

Espaço de Oração Semanal
3^as feiras, pelas 19h30

  **Local:** Rua Luciano Cordeiro 24, 6^oA - Lisboa

Por fim, o sujeito-mulher desta escrita

Foi no contexto do Graal que, a partir dos seus 17 anos, começou a fazer parte da Igreja, já que ser cristão/a

[...] não é um dado adquirido definitivamente pelo batismo – é uma conquista constante do espírito em resposta ao apelo sempre fiel de Deus (Pintasilgo, 1981: 23).

[...] o «ato de fé» não é um ato. É fundamentalmente uma experiência, no sentido de uma realidade que se experimenta, que é vivida. E essa realidade não se pode identificar

com [...] uma intuição povoada de imagens que uma civilização determinada em nós produziu (ibid.: 22).

O que importa, diz Braekers com Eckhart, é uma pessoa distanciar-se de “[...] tudo que pensava saber através da experiência, através do estudo ou do ensino da igreja, e que ela se torne vazia e livre ‘*tal como era quando ainda não era*’” (Braekers, 2014: 29).

Será que um dia escreverá uma profissão de fé, como fez Marcel Braekers, no registo de um saber que não sabe, de que fala Eckhart e “largar Deus, por causa de Deus” (ibid.: 25)?

Profissão de fé

É este o meu caminho, [...].

[...]

Isto é quase a minha fé inteira (muito mais não há):

Que nunca Te conseguirei conceber, que escapas a toda imaginação,

Mas que Tu existes e me acompanhas, que me escolhes incondicionalmente.

Sempre diferente, sempre o Outro,

Nuvem e sombra durante o dia, ponto de luz na noite escura, amor que se derrame (ibid.: 145).

Será que um dia ela consegue, viajando pelos caminhos do sentido da fé, chegar a algum lugar? Ela identifica-se com a postura de espera de Marcel Braekers:

Rezar (ou meditar) é [...] desejar, encurtar ou ultrapassar a distância, preparar o coração, criar espaço, para que possa acontecer o que esperamos, esperando (ibid.: 114).

Neste momento ela sente chegar-se de novo ao silêncio, “silêncio: tal é o lugar”, já visitado num outro momento em que ela tentava escrever *herself into being* num texto intitulado “Nomear a aurora sem *Ela*” (Koning, 2010: 26-27). Referia-se ao silêncio com as palavras de Maurice Bellet: “esse silêncio não é outro senão a palavra inaugural: aquela que, esgotados todos os recursos da linguagem, mergulha na paz mais profunda, comunica a vida, dá à luz”. Escrevendo aquele texto, ela deixou duas páginas em branco, um espaço-lugar para o silêncio. *Entre-tanto* foi aprendendo que não é preciso criar o *espaço em branco*, porque já lá está, sempre, algures, atrás, debaixo ou entre os textos e as palavras.

Referências Bibliográficas

- Allegro de Magalhães, Isabel (2011), *Para lá das Religiões. Ensaios sobre religiões, ética, espiritualidade e política*. Lisboa Chiado Editora.
- Allegro de Magalhães, Isabel (2014), “Fé e política ou a dimensão do cuidar e a re-significação do espaço público no pensar e agir de Maria de Lourdes Pintasilgo (MLP)”, in *Os Católicos e o 25 de Abril, Povos e Culturas, Nº especial 2014*. Lisboa: Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa, Universidade Católica, 117-137.
- Barreira, Cecília (1993), *Confidências de Mulheres. Anos 50-60*. Lisboa: Editorial Notícias.
- Braekers, Marcel (2007), *Meister Eckhart. Mysticus van het niet-wetende weten*. Averbode: Uitgeverij Altiora Averbode.
- Braekers, Marcel (2014), *Een weg van verstillig. Spirituele zoektocht met teksten van Meister Eckhart*. Averbode: Uitgeverij Altiora Averbode.
- Darcy de Oliveira, Rosiska (1991), *Elogio da diferença*. São Paulo: editora brasiliense.
- Frazão, José Correia 2014, *Entre-tanto. A difícil bênção da vida e da fé*. Prior velho: Paulinas Editora.
- Grácio, Fátima (2007), “... «Quando já estou perto do fim» ... A última conversa com Maria de Lourdes Pintasilgo”, in Lígia Amâncio, Manuela Tavares, Teresa Joaquim, Teresa Sousa de Almeida (org.), *O longo caminho das mulheres. Feminismos 80 anos depois*. Lisboa: Dom Quixote, 446 – 453.
- Haardt, Maaïke de (2010), “Strong Women, Strong Voices: Authority, Visibility and Invisibility”, ICETH Conference *Women’s authority and Visibility in our Religious Communities*, Huissen, Netherlands, July 9th. Consultado a 10.11.2014, em http://www.iketh.eu/PDF/Maaïke_de_Haardt_Iceth_Strong_Womencor.pdf
- Halík, Tomás (2013), *Paciência com Deus. Oportunidade para um encontro*. Prior velho: Paulinas Editora.
- Hartensveld, Frans (2014), *De mystiek van de ontmoeting. Over Martin Buber*. Utrecht: Uitgeverij Kok.
- Henriques, Fernanda, Toldy, Teresa, Ramos, Maria Carlos, Dias, Maria Julieta (org.) (2012), *Mulheres que ousaram ficar. Contributos para a teologia feminista*. Leça da Palmeira: Autoras e Letras e Coisas, Lda.
- Hermesen, Joke J. (2014), *Kairos. Een nieuwe bevlogenheid*. Utrecht: Uitgeverij de Arbeiderspers.
- Júlio, Sílvia (2014), “Graal. Mulheres atentas aos sinais dos tempos”, *Família Cristã* de 7 de março. Consultado a 13.11.2014, em <http://www.familiacrista.com/noticias/sociedade/2301-mulheres-atentas-aos-sinais-dos-tempos.php>
- Koning, Marijke de (2006), *Lugares emergentes do Sujeito-Mulher. Viagem com Paulo Freire e Maria de Lourdes Pintasilgo*. Porto: Edições Afrontamento.
- Koning, Marijke de (2010), “Testemunho – Nomear a aurora sem Ela”, in Fernanda Henriques (coord.) *Maria de Lourdes Pintasilgo Cinco Anos Depois. Ecos de palavras dadas*, Revista *ex aequo* 21. Porto: Afrontamento, 21 -35.
- Koning, Marijke de (2014), “Entre corpos. Afeto inclusivo”, in Fernanda Henriques, Teresa Toldy, Maria Luísa Ribeiro Ferreira (org.), *Quem me tocou? O corpo na simbólica religiosa. Contributos das teologias feministas*. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 143 – 156.

Kuitert, Harry (2014), *Kerk als constructiefout. De overlevering overleeft het wel*. Utrecht: Uitgeverij Tenhave.

Kunneman, Harry (2005), *Voorbij het dikke-ik. Bouwstenen voor een kritisch humanisme*. Amsterdam: Uitgeverij SWP.

Martins, Rui Jorge (2014), "Custa-nos pensar que a matéria-prima da fé é a vida tal como é", *Pastoral da Cultura*, de 11 de novembro. Consultado a 13.11.2014, em <http://www.snpcultura.org/custa-nos-pensar-que-a-materia-prima-da-fe-e-a-vida.html>

May, Rollo (1972), *Power and Innocence. A Search for the Sources of Violence*. New York: A Delta Book.

Múrias, Cláudia & Koning, Marijke de (Coords.) (2012), *Lideranças partilhadas: Percursos de literacia para a igualdade de género e qualidade de vida*. Porto: Fundação Cuidar O Futuro & Livpsic.

Pintasilgo, Maria de Lourdes (2005), *Palavras Dadas*. Lisboa: Livros Horizonte.

Pintasilgo, Maria de Lourdes (1981), *Imaginar a Igreja (reflexões ultrapassadas)?* Lisboa: Multinova.

Ramos, Maria Carlos Semedo (2005), "Possíveis de uma teologia em escritos de Maria de Lourdes Pintasilgo: Fragmentos", in *Revista ex aequo*. Porto: Edições Afrontamento, 169-191.

Strenger, Carlo (2011), *O medo da insignificância. Como dar sentido às nossas vidas no Século XXI*. Alfragide: lua de papel.

Tolentino Mendonça, José (2014), *A mística do instante. O tempo e a promessa*. Prior Velho: Paulinas Editora.

Vasconcelos, Teresa, Sousa Lopes, Celeste Isabel, Koning, Marijke de (2015), "The Grail in Portugal + 30 years of history" (no prelo).